



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

ALICE DE OLIVEIRA MATIAS SERENO NEVES

**O ESTILO FEMININO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS APRESENTAÇÕES
PÚBLICAS DE ANGELA MERKEL E JACINDA ARDERN NA PANDEMIA DO
CORONAVÍRUS**

Brasília- DF

2021

ALICE DE OLIVEIRA MATIAS SERENO NEVES

**O ESTILO FEMININO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS APRESENTAÇÕES
PÚBLICAS DE ANGELA MERKEL E JACINDA ARDERN NA PANDEMIA DO
CORONAVÍRUS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB).

Orientadora: Prof. MSc. Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Brasília -DF
2021

ALICE DE OLIVEIRA MATIAS SERENO NEVES

**O ESTILO FEMININO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA NAS APRESENTAÇÕES
PÚBLICAS DE ANGELA MERKEL E JACINDA ARDERN NA PANDEMIA DO
CORONAVÍRUS**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Prof. MSc. Fernanda Luiza Silva
de Medeiros

BRASÍLIA - 2021

BANCA AVALIADORA

Prof. MSc. Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Professor(a) Avaliador(a)

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Política Internacional	3
1.2. Teoria de Gênero nas Relações Internacionais	4
1.3. Enquadramento da Mulher na Sociedade	7
1.3.1. Patriarcado	7
1.4. Estilo Feminino de Comunicação Política.....	10
2. Pandemia	12
2.1. Origem e Primeiros Efeitos	12
2.2. Articulações Políticas e Panorama Global	13
2.3. Exemplos e Países	15
2.3.1. Brasil	15
2.3.2. Reino Unido	17
2.3.3. Estados Unidos	18
3. Angela Merkel	20
3.1.1. Governo	20
3.1.2. Coronavírus, Políticas adotadas e Taxas de contaminação e mortalidade	21
3.2. Jacinda Ardern	24
3.2.1. Governo	24
3.2.2. Coronavírus, Políticas adotadas e Taxas de contaminação e mortalidade	25
4. Análise do Estilo Feminino de Comunicação Política	29
4.1. Angela Merkel	31
4.2. Jacinda Ardern	33
Conclusão	37
Referências Bibliográficas	39

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as políticas públicas de Angela Merkel, chanceler alemã e Jacinda Ardern, premiê neozelandesa, na pandemia do coronavírus no ano de 2020. Visando o entendimento para a compreensão sobre a presença do estilo feminino de comunicação política representado pelas ações das líderes, será feita a análise com base na Teoria de Gênero das Relações Internacionais e nos dados coletados do histórico da pandemia no mundo. A bibliografia examinada compreende as reflexões sobre o campo da política internacional e sua masculinização, as medidas de contenção de cada líder sobre o avanço do vírus, uma pequena exposição de governos malsucedidos. Por fim, verificou-se que os governos da Alemanha e Nova Zelândia apresentam uma média no número de mortes inferior aos demais países analisados, como também, pôde ser percebido o enquadramento em algumas das características correspondentes ao estilo feminino de comunicação política das líderes estudadas.

Palavras-chave: Estilo Feminino de Comunicação Política. Política Internacional. Gênero. Pandemia Coronavírus. Alemanha. Nova Zelândia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the public policies of Angela Merkel, German Chancellor and Jacinda Ardern, New Zealand Prime Minister, in the coronavirus pandemic in 2020. Aiming at understanding the presence of the feminine style represented by the actions of the leaders, the analysis will be made based on Gender Theory of International Relations and the data collected from the history of the pandemic in the world. The bibliography examined comprises the reflections on the field of international politics and its masculinization, the containment measures of each leader on the advance of the virus, a small exposure of unsuccessful governments. Finally, it was found that the governments of Alamanha and New Zealand have an average number of deaths lower than the other countries analyzed, as well as the framing in some of the characteristics corresponding to the feminine style of the leaders studied could be perceived.

Keyword: Feminine Style. International Politics. Gender. Coronavirus Pandemic. Germany. New Zealand.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão analisadas as políticas públicas adotadas por Angela Merkel, Chanceler alemã e Jacinda Ardern, Primeira-Ministra neozelandesa na pandemia do coronavírus no ano de 2020. O estudo foi motivado pela vivência global da atual pandemia e pela diferença das formas como cada líder tratou a população, enfrentando os males com as medidas mais cientificamente aceitas ou negando os fatos e apostando em tratamentos sem comprovação científica. Ademais, busca-se entender como a questão de gênero influenciou as decisões tomadas por essas lideranças durante a atual crise, além de mapear e identificar as políticas de cada uma das líderes para enquadrarem ou não no conceito de estilo feminino de comunicação política, pontuando como pergunta central do trabalho como o *Feminine Style* caracterizou as apresentações públicas e as tomadas de decisão de cada uma das líderes durante a crise da pandemia no ano de 2020. O interesse pela escolha das líderes se demonstra pela percepção como o governo agiu e lidou com a pandemia, visto os exemplos dos casos de controle trazidos, Brasil, Estados Unidos e Reino Unido, em que estando também na pandemia de 2020 se revelaram de maneira distinta às duas, sendo possível ampliar a análise para assinalar as variáveis estudadas.

Dessa forma, o próximo capítulo abarcará o marco teórico que apresenta e constitui a discussão sobre gênero em Relações Internacionais, tratando especificamente sobre política internacional e o viés masculino, espaços públicos e privados, incluindo o papel da mulher na sociedade, e o conceito sobre o estilo feminino de comunicação política. A segunda seção explica a origem da pandemia, as primeiras orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e como exemplo, foram apresentadas situações de três países: Brasil, Reino Unido e Estados Unidos, a fim de ilustrar uma face política mal-sucedida no combate ao vírus. A partir da ilustração do cenário global foi iniciada as exposições sobre a trajetória do governo de Merkel e de Ardern, e logo suas ações e medidas públicas visando o combate à pandemia.

Os estudos da Teoria de Gênero no campo de Relações Internacionais pontuam, segundo Tickner (2001) que feministas focam seu estudo em como a política mundial pode contribuir para as inseguranças dos indivíduos, mais especificamente, populações marginalizadas. Somando as visões sobre a pandemia o desempenho de cada líder trazido neste trabalho, o interesse em focar nas representantes mulheres pode ser compreendido como Johnson e Williams (2020) afirmam que a pandemia abriu espaço para que traços tidos como femininos, tradicionalmente cotidianos da esfera privadas, fossem valorizados e reconhecidos.

A academia carece de representações femininas, mas principalmente de discussões pautadas em equidade e empoderamento e como a presença da mulher frente a grandes posições ainda pode ser visto com estranheza, assim, a escolha pelo tema se deu pela justificativa social de incluir as visões de grandes líderes que apresentaram melhor desempenho em uma situação de crise global, ainda frisando que as políticas adotadas por cada uma seguem seu próprio estilo e da mesma forma se demonstram positivas. Leva-se também em consideração, - também o cunho pessoal da pesquisa em que, ao observar-se a condição em que o mundo se encontra, o caos na saúde, diferentes posições e um constante debate político, vê-se a necessidade de elencar dados que demonstram um possível êxito no combate à pandemia por meio da liderança de mulheres, pontuando também que as mulheres se sintam mais aptas a essas frentes de trabalho, e que preencham o espaço de maneira equitativa gerando frutos para as gerações que irão incorporar essa “nova vertente” de representatividade feminina.

1. POLÍTICA INTERNACIONAL

Para compreender a política internacional usa-se, segundo Morgenthau (2003), um conceito definível como uma análise das relações políticas e problemas de paz entre as nações; acrescenta-se afirmando que é a luta e o uso do poder entre as nações. Ao entender a dimensão da relação entre os países e as ações tomadas, as relações políticas se demonstram na busca pelo controle de recursos, de força e na luta por poder entre os Estados.

A política internacional pode também ser percebida como um espaço dominado por homens, assim caracterizando as decisões globais, as medidas adotadas, o aspecto dominante e competitivo. Tickner (1998) traduz essa visão da política internacional ser dominada por homens como um mundo de poder e um mundo de conflito em que a guerra é um campo de privilégio, demonstrando a relevância de quem está no comando. Áreas como a diplomacia, o serviço militar, a ciência, também são reconhecidas como de controle masculino segundo Tickner (1998), que se pode entender como a super valorização das esferas de poder, e apresentam um olhar androcêntrico¹, que apontam comportamento atemporal e enraizado.

Cenários costumeiramente caracterizados por lideranças e posições de tomada de decisão são refletidos por políticas masculinas, ainda podendo ser observado que os padrões estabelecidos entre as esferas de poder acompanham o desenvolvimento da sociedade e os comportamentos tidos ao longos dos anos. A percepção da construção masculina no ambiente político e a solidificação da figura do homem também como ser político vem desde a Grécia antiga, ambiente que colocava a mulher em segundo plano, não dando voz ou espaço para participar da esfera pública nem de estar à frente de decisões coletivas ou próprias.

Tickner (2001) pontua que “Uma vez que as mulheres estão na periferia do poder na maioria dos Estados, esta ampla concepção da política mundial parece a definição disciplinar mais adequada para enquadrar as abordagens feministas” (TICKNER, 2001, p. 2) reflexão em que, inicialmente pode-se observar ao ter a visão do ambiente político internacional e o contexto compreendido do espaço entre masculino e feminino, para dessa forma, observar de maneira mais pontual como o espaço se torna masculino e as vertentes femininas que se apresentam.

A discussão sobre o cenário político e sua dinâmica masculinizada é uma constante global, tornando os entendimentos sobre a personificação de líderes políticos homens como o padrão. Um dos problemas mais aparentes da política internacional seria o argumento de que mulheres não se interessariam por temas da agenda global como a justificativa para não haver

¹ Androcentrismo é entendido como a tendência de colocar o homem como centro da representação coletiva, centralizando o pensamento e as ações masculinas acima dos outros.

representatividade e temas pouco inclusivos², “cedendo” e abrindo mão do espaço político, para que os homens fiquem à frente da teoria e da prática, como das ações e da fundamentação que envolve o pensamento androcêntrico, também apresentado e descrito em “As mulheres em todo o mundo carecem de representação na política eleitoral.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 474).

É comum ver apenas representações masculinas na política mundial, assim como na academia. Isso atesta que estes são, tradicionalmente, espaços de homens para homens, assim como as condutas tomadas. Esse comportamento tem sido construído desde sempre, em que os homens saíam para trabalhar e cuidar da vida política e as mulheres ficavam para tratar da casa, espaço privado. Como trazido por Biroli (2010):

A naturalização da exclusão das mulheres da esfera pública e, particularmente, dos cargos políticos eletivos, vem sendo um fator de legitimação da política como “negócio de homens”. As mulheres não se interessariam pelos debates políticos e, menos ainda, por participar da política institucional porque estariam, naturalmente, voltadas para o que lhes seria mais caro: a vida privada, a esfera doméstica, a maternidade. (BIROLI, 2010, *online*).

No entanto, novas perspectivas e vertentes políticas femininas surgiram com o intuito de aumentar a visibilidade e desmistificar a presença da mulher em cargos políticos. Surge, assim, a possibilidade de “um estilo “feminino” de discurso poder realmente representar o início de uma feminização política – uma mudança potencial no discurso público para uma orientação mais feminista.” (PARRY-GILLES S, PARRY-GILES T., 1996, p. 338).

1.2. TEORIA DE GÊNERO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com o contexto sobre a posição feminina no cenário da política internacional, pode-se entender o porquê de utilizar a Teoria de Gênero das Relações Internacionais para análises e interpretações feministas sobre políticas e posições adotadas por líderes mulheres como Angela Merkel e Jacinda Ardern no combate à pandemia do coronavírus. Com isso, a Teoria de Gênero ocupa um espaço para compreender a posição de ações e posicionamentos, assim como para teorizar os conceitos futuramente apresentados e abarca-los na esfera de Relações Internacionais.

² “A crítica feminista e a atuação política a ela correspondente confrontam-se com práticas e valores patriarcais que se atualizam, tendo como um de seus eixos a afirmação do desinteresse feminino pela política, o silêncio sobre a atuação pública das mulheres e, no limite, a reprodução de estereótipos de gênero.” (BIROLI, 2010, *online*).

A Teoria de Gênero nas Relações Internacionais está atrelada aos estudos das temáticas não classificadas como prioridades e entendidas como “hard politics” dentro do campo de Relações Internacionais. Tickner (2001) coloca, “(...) enquanto IR tradicionalmente analisa problemas de segurança de uma perspectiva estrutural ou ao nível do Estado e sua decisão criadora, feministas se concentram em como a política mundial pode contribuir para a insegurança de indivíduos, particularmente das populações marginalizadas e sem poder.” (TICKNER, 2001, p. 3), também inserindo o ponto de vista dos estudos feministas ao campo internacional. Ainda sobre as visões da Teoria de Gênero, entende-se que tem a ideia de re-significar e reposicionar os conteúdos gerados ao longo dos séculos incluindo universalidade de pensamento. Tickner (2001) aponta sobre as principais temáticas da agenda internacionalista como “Essas diferentes realidades e agendas normativas levam a diferentes abordagens metodológicas.” (TICKNER, 2001, p.4) e complementa a ideia “Embora o RI tenha se baseado fortemente em teorias racionalistas com base nas ciências naturais e de economia, RI feminista é baseada em relatos humanísticos das relações sociais, particularmente as relações de gênero.” (TICKNER, 2001, p. 4).

Por se enquadrar no rol das teorias pós-positivistas, a Teoria de Gênero busca pelo movimento de igualdade, de equiparação, assim, também são temáticas abordadas por ela, que visam desvincular a subordinação feminina e a posição de inferioridade perante os grandes campos de análise. Para Biroli (2017) “O objeto das teorias feministas não é exatamente as mulheres, mas sim instituições, estruturas e relações de poder cotidianas nas quais aquelas são posicionadas desvantajosamente”. (BIROLI, 2017, *online*). Um dos pontos principais para a teoria é colocar o pensamento e a visão da mulher diante do cenário global. Conceitos, temas, políticas que são apenas construídas a partir do olhar masculino, passam a ser também relatados pelo viés feminino, incluindo suas demandas e contribuições.

Quando se tem o debate sobre segurança internacional, crises políticas e distinção de poder, entende-se que o estudo de gênero é necessário não apenas para trazer dinamicidade nas argumentações mas para apresentar o lado de uma parcela da sociedade que está presente na academia, na política e nas esferas de poder, as mulheres. Biroli (2017) aponta que “A incorporação das experiências e vozes das mulheres tem levado, nas teorias feministas, à emergência de novos objetos, novos materiais de pesquisa e novas perspectivas epistemológicas e metodológicas.” (BIROLI, 2017, *online*), em que a inserção da pauta feminista gera uma ampliação dos estudos. Observando o posicionamento de Towns (2009), ela amplia o debate para uma visão macro de desenvolvimento não apenas acadêmico, mas societário no instante em que as mulheres participam mais ativamente e ocupam espaços de liderança.

Uma sociedade em que as mulheres prosperam claramente desenvolveu regras e instituições que os protegiam da força absoluta do sexo forte. Para muitos, o status das mulheres, portanto, tornou-se um símbolo do avanço para longe do estado de natureza, a condição sem lei e primitiva que possibilitou governar pelo forte. (TOWNS, 2009, p. 694).

Os estudos de gênero têm um papel importante nas perspectivas contemporâneas que desassociam os pensamentos de opressão colonial, sexista, misógeno que permeiam o cenário internacional. Analisando o comportamento da sociedade e os desenvolvimentos acadêmicos, há uma relação na construção dos ideais, dos ensinamentos e na forma como o senso comum é difundido. A construção social do pensamento engloba a dualidade entre feminino e masculino, no entanto, as principais contribuições e as ações de “maior relevância” são atreladas aos homens, cenário que deixa a imagem da mulher como segundo plano. Voltando à temática da teoria e da visão política feminina, “A incorporação das experiências e vozes das mulheres tem levado, nas teorias feministas, à emergência de novos objetos, novos materiais de pesquisa no cotidiano da vida doméstica e familiar *importem como problema político.*” (BIROLI, 2017, *online*).

Para Towns (2020) “Gênero é um processo de geração, estruturação e ordenação hierárquica de subjetividades e identidades – mas também de práticas, traços e objetos – apoiados na criação contínua e reprodução da diferença de maneiras particulares na fala, texto e/ou prática” (TOWNS, 2020, p. 6) e adicionando à ideia sobre gênero em que se traz como um processo de reconhecimento e de identidades, Towns (2020) completa “Embora intimamente relacionado a corpos sexuados, gênero, por sua vez, diz respeito a diferenciações que são reconhecidas como sociais e maleáveis, usadas para denotar normas, scripts e ideias que diferenciam entre masculinidades e feminilidades e ajudam a construir identidades.” (TOWNS, 2020, p. 6). Essas visões sobre gênero ampliam a discussão e o posicionamento das dualidades homem – mulher que constituem a formação do pensamento, levando para um campo de análise menos restrito e mais inclusivo e diversificado, como apresentado,

Mais recentemente o que evidenciamos é o novo campo de gênero na medida em que bem acionado e articulado, colocar em xeque a univocidade de sentido dos binarismos de toda ordem – e não apenas aquele entre masculino e feminino – e dessa forma expandir imensamente seu potencial analítico, tornando possível sua incorporação em áreas que durante séculos foram impermeáveis a críticas nesse sentido. (MATOS, 2008, *online*).

Somando a visão de Matos (2008), entender, diferenciar e classificar de forma hierárquica as feminilidades e masculinidades é uma parte central dos processos de gênero, para Towns

(2020), se completa afirmando “Como feminilidades e masculinidades não estão ancoradas em dados biológicos, podem vir a significar praticamente qualquer coisa e variar consideravelmente através do tempo e do espaço.” (TOWNS, 2020, p. 7).

Retomando as posições da teoria de gênero e as formas contribuintes no instante que a participação das mulheres é vista, tem-se que

O aporte e contribuição do campo de gênero feminista é declarar a infinita capacidade humana (portanto igualmente feminina e masculina, é sempre prudente anunciar) de interpelar, de re-colocar e re-significar permanentemente os conteúdos e as formas daquilo que se apresenta como contingente universal. (MATOS, 2008, *online*).

Da maneira em que as posições ocupadas não apenas pela figura masculina apresentam e firmam o espaço necessário pelas mulheres, como dito anteriormente, e frisando para contexto deste trabalho, no âmbito político, esfera que se necessita da visão que contrapõe o androcentrismo e a cultura enraizada da voz masculina nas tomadas de decisão.

1.3. ENQUADRAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE

1.3.1. PATRIARCADO

A construção social baseada na história da capacidade entre homens e mulheres é erguida com base nos costumes, na desigualdade do papel de homens e mulheres ao longo dos anos. Assim, unindo os dois conceitos, o termo ideologia de gênero vai além dos aspectos biológicos de homem e mulher, mas sim, de uma habilidade produzida socialmente entre homens fortes e superiores e mulheres fracas e dominadas. O antagonismo entre masculino e feminino se apresenta com um processo de evolução por parte da visão da mulher, como distante do que se espera para a sociedade. O entendimento do porquê a mulher ainda possui a visão frágil pode ser vista com a dicotomia apresentada entre o homem em um papel de racionalidade, força, virilidade enquanto a mulher ocupa o espaço da fragilidade, submissão e fraqueza.

A visão dessa separação entre masculino e feminino e as características atreladas a cada um também é percebida em âmbitos que fogem do aspecto doméstico, Sheeler e Anderson (2014) trazem que “Mesmo no século 21, as mulheres políticas são prejudicadas pelo estereótipo que as mulheres são mais emocionais e menos racionais do que os homens.”

(SHEELER; ANDERSON, 2014, p.485), demonstrando que essa visão não é algo apenas da relação privada e interna, como apresentada pelo contrato social.

A construção do contrato social e entendida divisão social dos gêneros demonstram, segundo Pateman (1993), a institucionalização do pensamento patriarcal e a tese pelo qual foi criada a ideia do contrato social, pelos contratualistas, em quem, o contrato sexual foi pouco explanado e corresponde a subordinação das mulheres na sociedade. Para melhor compreender, o contrato social é um acordo feito por filósofos com a intenção de organizar e certificar a ordem social e a sobrevivência das pessoas perante o Estado. A autora Carole Pateman, em *O Contrato Sexual* (1993) retrata a visão do conceito do contrato social, mas, colocando em primeiro plano a parte suprimida do acordo original, o contrato sexual. Pateman também apresenta um contexto que traz o contrato social e a vertente omissa do contrato sexual, “A teoria do contrato social, convencionalmente, é apresentada com uma história sobre a liberdade. Uma interpretação do contrato original é a de que os homens no estado natural trocaram as inseguranças dessa liberdade pela liberdade civil.” (PATEMAN, 1993, p. 14) e traz ainda a visão social e o impacto desse contrato “A dominação dos homens sobre as mulheres e os direitos masculinos de acesso sexual regular a elas estão em questão na formação do pacto original.” e continua “O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição.” (PATEMAN, 1993, p. 14).

Liberdade não foi um direito conquistado pelas mulheres ao mesmo tempo que para os homens, da mesma forma que a submissão nunca foi algo vinculado ao homem quanto é para a mulher. Já tratando da dimensão da liberdade civil, entende que ao longo do tempo ela se une ao direito patriarcal e rege a forma como a sociedade se comporta, e, como colocado por Pateman (1993, p. 15) “A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal.”. Para entender a formação e o argumento por trás do contrato social, Pateman (1993) traz que, “Com exceção de Hobbes, os teóricos clássicos argumentam que as mulheres naturalmente não têm os atributos e as capacidades dos “indivíduos”. A diferença sexual é uma diferença política; a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição” (PATEMAN, 1993, p. 19), apontando a posição que a mulher exercia perante as decisões, e completa o raciocínio “As mulheres não participam do contrato original através do qual os homens transformam sua liberdade natural na segurança da liberdade civil. As mulheres são o objeto do contrato.” (PATEMAN, 1993, p. 19).

Ainda sobre a visão da liberdade entre os sexos, “A construção da diferença entre os sexos como diferença entre a liberdade e a sujeição não é fundamental apenas para uma célebre história política.” (PATEMAN, 1993, p. 20) como pontua a autora, mas aponta que a sociedade

contemporânea incorpora a posição patriarcal como a diferença sexual, destacando que a mulher não se enquadra na posição de indivíduo, muito menos na esfera que compreende atos políticos e de destaque (PATEMAN, 1993).

Para iniciar o entendimento da esfera pública e privada, Pateman (1993) traz que “A sociedade civil patriarcal está dividida em duas esferas, mas só se presta atenção a uma delas.” Complementa afirmando que “A história do contrato social é tratada como um relato da constituição da esfera pública da liberdade civil. A outra esfera, a privada, não é encarada como sendo politicamente relevante.” (PATEMAN, 1993, p. 16). Para a autora,

A “sociedade civil” diferencia-se das outras formas de ordem social por meio da separação das esferas público e privada; a sociedade civil é dividida em dois domínios contrários, cada qual com modos de associação característico e distinto. Contudo, presta-se atenção somente a uma esfera, tratada como o único domínio de interesse público. (PATEMAN, 1993, p. 25).

No entanto, ainda com a existência das duas esferas, a autora enfatiza apenas a notoriedade em uma delas tendo como origem o contrato social, em que inicia o mundo público da legislação civil, da liberdade e da igualdade civis. (PATEMAN, 1993, p. 25).

Depois de contextualizar a dinamicidade entre a sociedade civil e as duas esferas, Pateman (1993) expõe o papel das mulheres nesse contexto, “As mulheres são incorporadas a uma esfera que ao mesmo tempo faz e não faz parte da sociedade civil, mas que está separada da esfera “civil”.” (PATEMAN, 1993, p. 26). Acrescenta também apontando o papel feminino em tal contexto sobre a inserção das dualidades, em que

A antinomia privado/público é uma outra expressão das divisões natural/civil e mulheres/homens. A esfera privada, feminina (natural), e a esfera pública, masculina (civil), são contrárias, mas uma adquire significado a partir da outra, e o sentido de liberdade civil da vida pública é ressaltado quando ele é composto à sujeição natural que caracteriza o domínio privado. (PATEMAN, 1993, p. 26).

Para Bourdieu (2002), os papéis identitários que são pré-estabelecidos também são representados em formas do comportamento cotidiano em que a figura masculina é caracterizada pelo aspecto trabalhador (esfera pública), segundo o autor, com postura ereta e firme, e a figura feminina se enquadra na representação do lar (privado), com as características da doçura, e também segundo o autor, com as posturas mais curvas e que, podem representar uma posição social de inferioridade. Trazendo a posição de Pateman (1993), “O contrato sexual, deve-se enfatizar, não está associado apenas à esfera privada. O patriarcado não é puramente familiar ou está localizado na esfera privada. O contrato original cria a sociedade civil patriarcal

em sua totalidade.”, continua o pensamento “Os homens passam de um lado para o outro, entre a esfera privada e pública, e o mandato da lei do direito sexual masculino rege os dois domínios.” (PATEMAN, 1993, p. 29), complementando o raciocínio de Bourdieu, em que existem na sociedade as formas de identidade entre homens e mulheres e na posição que ocupam, e muito se percebe a influência decorrente do patriarcado, como finalizado por Pateman (1993) “A sociedade civil é bifurcada, mas a unidade da ordem social é mantida, em grande parte, através da estrutura das relações patriarcais.” (PATEMAN, 1993, p. 29).

O entendimento da abrangência das esferas pode ser percebido com o retrato do cotidiano e os costumes sociais. A esfera privada compreende a vida doméstica, as ações internas, já a esfera pública abrange o oposto da privada, onde estão as dimensões públicas. Na visão de Down, Tonn (1993), “As mulheres são incentivadas a exibir padrões de comunicação que correspondem às tarefas que se espera que as mulheres desempenhem na esfera privada, assim como a comunicação dos homens reflete seus papéis principais na vida pública.” (DOW; TONN, 1993, p. 288) demonstrando qual posição se insere a mulher e o homem. Adentrando nos conceitos e na aplicação das esferas, por tempos se entendeu que a forma de dinamização feminina era cooperativa e orientada para a manutenção do relacionamento, já a comunicação masculina é vista como hierárquica e construída para a resolução de problemas, segundo Dow; Tonn (1993, p. 288). Ainda na visão dos autores, “(...) a comunicação pública, produzida principalmente por homens, tem servido como o modelo de discurso “bom”. Porque os padrões comunicativos das mulheres estão associados com seus papéis na esfera privada do lar e da família.” (DOW; TONN, 1993, p. 288), partindo para o campo político e a maneira que se tem a atuação das mulheres.

1.4. ESTILO FEMININO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA

A compreensão de que o mundo político se demonstra com mais presenças masculinas e molda o perfil de atuação, gera um ambiente não tão convencional para as mulheres. No entanto, as autoras Blankenship e Robson (1995) apontam que mesmo dentro da política é possível perceber diferentes “estilos” de se comunicar, e dentre eles, se incluem a forma masculina e a feminina. Como um dos argumentos inicialmente apresentado, as autoras afirmam que a partir dessas diferenciações nos discursos entre homens e mulheres, o “estilo feminino” pode se demonstrar presente nos instantes em que à presença feminina,

Em um período contínuo de mudança social, que inclui uma fusão das esferas "privadas" e "públicas", um realinhamento de quais papéis e comportamentos são "apropriados" para mulheres e homens, e especulações sobre como tais realinhamentos vão transformar o discurso no domínio das campanhas políticas e da governança, parece útil para indagar se existe um "estilo feminino" distinto do discurso político das mulheres. (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 353).

Contextualizando o posicionamento afirmando que, com a possível entrada feminina na política, houve a necessidade de uma adaptação ao modo como era tido, nesse contexto, se adequar à linguagem dominante do poder, ou seja, moldar o comportamento para que a imagem passada se tornasse "dura o suficiente" e assim conquistassem o espaço político, segundo a visão de Blankenship e Robson (1995).

Como argumentado por Blankenship e Robson (1995), o uso de cada estilo é baseado nos contextos e nas situações socioculturais específicas. Inseridas em um espaço "adverso", "As mulheres desenvolveram capacidades particulares de raciocínio concreto e contingente para a confiança na experiência pessoal e para interação participativa." (DOW; TONN, 1993, p. 286), gerando uma forma mais pessoal de posicionamento e dessa forma, destacando o potencial da perspectiva no estilo feminino como um reflexo das características femininas na esfera pública, segundo Dow e Tonn (1993).

Para análise deste trabalho, o conceito de *Feminine Style* será melhor aprofundado, iniciando com a definição trazida em cinco características, por Blankenship e Robson (1995), dentre elas: 1) Basear o julgamento político em experiências vividas concretas; 2) Valorizar a inclusão e a natureza relacional do ser; 3) Conceituar o poder do cargo público com a capacidade de "fazer acontecer" e capacitar os outros; 4) Abordar a formação de políticas de forma holística e, 5) Levar as questões femininas para o foco da arena pública (BLANKENSHIP, ROBSON, 1995, p. 358). Ao entender essas características apresentadas e visualizá-las no ambiente feminino, entende-se que essa forma de discurso apresenta um aspecto mais pessoal e com uma estrutura indutiva, ou seja, destacar a participação pública e proporcionar o encorajamento entre público e o orador, como colocado por Dow e Tonn (1993).

2. PANDEMIA

2.1. ORIGEM E PRIMEIROS EFEITOS

A atual pandemia do COVID-19 é marcada por uma grande mudança no cenário global, além da complexidade gerada pelos seus impactos, que se demonstram ainda nebulosos, mas que afetam o sistema de saúde pública, a economia, a política e outras áreas. A doença SARS-CoV-2 – Síndrome Respiratória Aguda Grave do coronavírus 2, é infectocontagiosa e segundo estudos, os sintomas podem variar de acordo com a infecção. Embora o principal alvo da doença seja o pulmão, percebe-se a ampla distribuição viral pelo corpo, acometendo o sistema cardiovascular, gastrointestinal, renal, hepático e o sistema nervoso central, segundo Ciotti, et al. (2020, p. 366).

O coronavírus foi inicialmente mapeado em 1937, mas apenas em 2003 começou a causar sintomas em humanos, denominando-se como SARS, o vírus responsável. A partir do isolamento do RNA do vírus em 1937, houveram mutações que tornaram a carga viral diferente, fazendo com que cientistas do mundo todo se voltassem para os estudos a fim de descobrir informações para conter o vírus e elaborar soluções para a doença (BRITO, et al. 2020, p. 55), visto o aumento da complexidade da doença. No entanto, os estudos não foram altamente conclusivos e pela necessidade à época não ser alarmante, o foco da pesquisa mudou e os ensaios clínicos foram arquivados.

No entanto, com o reaparecimento das ações virais, deu-se que, o início da doença foi detectado em um mercado popular de venda de animais em Wuhan, província de Hubei na China, disseminando-se rapidamente dentro da cidade e tornando-a o epicentro da doença. A partir de estudos do local e do vírus, foi detectado que o SARS-CoV-2 está relacionado com outro tipo de vírus, o BATCoV RaTG13, encontrado em morcegos e facilmente transmitido para outros animais e, posteriormente, para humanos (BRITO, et al. 2020, p. 55). Os primeiros casos foram identificados em pessoas que estiveram no mercado de animais e logo após foram percebidos em outras pessoas os mesmos sintomas, mas que não estiveram no local de origem, assim, fazendo as primeiras interpretações sobre o contágio e a velocidade da disseminação da doença.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), foi em dezembro de 2019 que a China notificou sobre os primeiros pacientes com sintomas da doença, até então causados por um agente desconhecido. Com os casos se espalhando rapidamente pelo país, em janeiro foi sequenciado o genoma do vírus e repassado aos outros países com intenção de se prepararem e

garantirem atendimento aos pacientes, como também para retomarem os estudos sobre o antigo coronavírus. Logo que a doença se espalhou, seus primeiros relatos foram vistos na Tailândia em 13 de janeiro, no Japão em 15 de janeiro e na Coreia do Sul em 30 de janeiro, notando a velocidade de propagação, e com a chegada do vírus à América do Norte em 23 de janeiro, o tom da doença e a preocupação mundial mudou, causando alerta em todos os continentes (BRITO, et al. 2020, p. 55). Por conseguinte, foi em 12 de março de 2020 que o Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom, declarou o surto da doença como pandemia, ou seja, quando houve a disseminação mundial com um curto período de tempo e apresentando também como forma de propagação a transmissão sustentada, de pessoa para pessoa, segundo publicado pela Fundação Oswaldo Cruz, (FIOCRUZ, 2020).

2.2. ARTICULAÇÕES POLÍTICAS E PANORAMA GLOBAL

Com uma declaração em janeiro de 2020, o Diretor-Geral da OMS, Tedros Adhanom disse que “(...) a única maneira de derrotar esse surto é todos os países trabalharem juntos em um espírito de solidariedade e cooperação. Estamos todos juntos nisso e só podemos parar juntos.” Como consequência do marco da declaração da pandemia do novo coronavírus, o mundo passou a orquestrar medidas de segurança, ações comunitárias e políticas públicas de forma a adequar os países para o novo cenário. O objetivo comum da maioria das nações era tentar frear a disseminação do vírus, e a partir desse ponto a OMS passou a recomendar ações para o controle. Inicialmente a primeira e mais importante medida era o distanciamento social, visto o vírus se propaga a partir do contato e pelo ar. Logo, medidas como interrupção de aulas, suspensão de atividades comerciais, com exceção das essenciais como produção e venda de alimentos e medicamentos, suspensão de eventos sociais, culturais e esportivos, além, do fechamento de diversas fronteiras, segundo apresentado por Silva (2020, p. 1003), também foram sendo aplicadas.

As medidas adotadas foram se tornando mais comuns e os países instituíram os chamados protocolos de segurança. Conforme o vírus avançou pela Europa, América do Norte e América do Sul, começou-se a notar as diferenças de condução de cada governo. As políticas de governança passaram a revelar capacidades desiguais de agir e reagir, de lidar com o problema a partir do recomendado e sob as recomendações gerais, como trazido no texto de Dodds et al. (2020) se traz que:

Apesar de toda a atenção dada aos cidadãos europeus e suas experiências de bloqueio, em outras partes do mundo, como a Índia, as medidas de saúde pública ampliaram efetivamente as condições de desvantagem antes do próprio vírus. (DODDS et al, 2020, *online.*),

Assim, notam-se problemas como a desigualdade entre as nações e as formas de condução de cada um. Outro ponto de extrema relevância visto entre os países e suas diferentes formas de agir foram as políticas adotadas. Primeiramente as agências nacionais e organismos internacionais trabalharam para “assumir o controle de dados e números, para “achatar a curva” da contaminação e comunicar medidas de saúde pública que exigiam consentimento e apoio de suas populações, conforme Dodds et al. (2020) e assim repassar para cada governo informações e formas de atuação condizentes com o momento da pandemia.

Um dos aspectos mais visíveis foram os desafios enfrentados perante cada fase da doença, cada ação tomada e cada repercussão gerada entre as nações. Os decretos instituídos entre cada país, independente da forma de governo, eram voltados a um objetivo comum de frear a contaminação, desafogar o sistema de saúde e retomar os níveis possíveis de normalidade, como trazido por Leung et al. (2020, p.194) “(...) a saúde pública não diz respeito apenas à ciência médica da epidemiologia, diagnóstico e cura, mas também está ligada às ciências sociais, que incluem política, gestão, assistência social e políticas públicas.”, frisando que ações conjuntas operam melhor e devem ser analisadas de forma integrada.

Para começar a destrinchar a reação dos diferentes governos e suas decisões, como foco na Alemanha e na Nova Zelândia, traz-se também exemplos para que se entenda que a pandemia aponta diferentes perspectivas em níveis de tomada de decisão outras perspectivas de gerenciamento da pandemia. Nos sistemas federais, como o Brasil, Canadá, Austrália e Estados Unidos, segundo Dodds (2020, *online.*), “testemunhamos confrontos e divergências sobre a imposição e severidade de medidas de saúde pública, bem como sobre a compra e distribuição de suprimentos médicos de emergência.” Já os Estados unitários, - como exemplo Cingapura, Coreia do Sul e Nova Zelândia, “foram elogiados por suas intervenções rápidas de saúde e fechamento de fronteiras e liderança de primeiro-ministro.”, também segundo Dodds (2020, *online.*). Assim, aponta-se que apesar do problema ser de cunho global, cada país passou a enfrentar e agir de determinada forma, causando mais ou menos impacto para a população.

2.3. EXEMPLOS E PAÍSES

Ainda sobre a diferenciação entre políticas adotadas, países como Brasil, Estados Unidos e Reino Unido se assemelharam em quesitos voltados à tratativa do vírus, visto que as políticas públicas estabelecidas, as ações e os discursos negacionistas de governos que se prontificaram tardiamente geraram consequências à população de seus respectivos países. Em uma reportagem da BBC News feita em outubro de 2020, uma lista de países mais atingidos pelo vírus e com o maior número de mortes por 100 mil habitantes aparece em segunda posição o Brasil, em quinta posição o Reino Unido e em sexta posição os Estados Unidos, além de se apresentarem como países mais comentados, negativamente, pelas mídias internacionais ao interpretar as políticas adotadas e o crescer da pandemia. Assim, podendo iniciar uma pequena exposição desses três Estados e suas formas de lidar com a pandemia do coronavírus em 2020, baseando as análises em relatórios científicos e artigos de meios de comunicação pelos recentes acontecimentos.

2.3.1. BRASIL

Ao analisar o contexto inicial da pandemia no governo de Jair Bolsonaro, os principais comentários dizem respeito a negligência presidencial ao tema. A matéria jornalística trazida pelo Correio Braziliense em abril de 2021 a partir de pesquisa realizada pela Universidade de Michigan (EUA) e a Fundação Getúlio Vargas (BRA) começa afirmando que o Brasil tinha todos os mecanismos para enfrentar de forma exemplar a pandemia, mas as escolhas do presidente transformaram o combate ao vírus em um fracasso. As principais medidas tomadas foram relacionadas à economia do país, trocando a atenção do caos da saúde pública para os cofres e a diminuição da economia. As decisões ministeriais e legislativas previram uma renda básica emergencial para pessoas sem renda fixa ou trabalhadores informais e autônomos, apresentado pelo canal jornalístico CNN Brasil em abril de 2020 para manter minimamente a população com condições de sobreviver no período analisado, mas que foram fortemente questionadas pelo presidente sob o argumento de “não parar o ciclo econômico e o trabalho da população”, uma deturpação de uma das recomendações principais, visto que a campanha “Fique em Casa” previa o menor número de pessoas em circulação e assim uma menor contaminação. No entanto, essa atenção voltada prioritariamente aos aspectos econômicos por parte do Governo Federal, tornou o Brasil um dos países mais afetados pela Covid-19, segundo jornal El País em pesquisa feita em janeiro de 2021.

Ainda segundo El País “A linha de tempo mais macabra da história da saúde pública do Brasil emerge da pesquisa das normas produzidas pelo governo de Jair Messias Bolsonaro relacionadas à pandemia de Covid-19.”, e completa trazendo que

Os resultados afastam a persistente interpretação de que haveria incompetência e negligência de parte do governo federal na gestão da pandemia. Bem ao contrário, a sistematização de dados, ainda que incompletos em razão da falta de espaço na publicação para tantos eventos, revela o empenho e a eficiência da atuação da União em prol da ampla disseminação do vírus no território nacional, declaradamente com o objetivo de retomar a atividade econômica o mais rápido possível e a qualquer custo. (EL PAÍS, 2021).

Isso demonstra que o foco do presidente não pretendia abarcar a saúde pública no geral, mas sim, os efeitos na economia. Também podendo ilustrar a campanha reversa de Bolsonaro, os estudos apresentados pela Universidade de Michigan e a Fundação Getúlio Vargas mostram como o presidente usou os poderes constitucionais, para boicotar ações dos estados. À medida que os governadores editavam protocolos e regras, o presidente apresentava medidas provisórias que iam de desencontro e se apresentavam como uma clara tentativa de impedir as atividades não essenciais e conter a disseminação do vírus, segundo reportagem do Jornal Correio Braziliense em abril de 2021.

Um forte ponto que adjetiva o governo e as medidas em 2020 é a inconstância. A troca de dois ministros da saúde, no auge da pandemia pode ser interpretada como problemática, visto que ao colocar o terceiro ministro, a comunidade da saúde pública questionou o fato do cargo ser ocupado por um militar e não haver um protocolo novo a ser seguido. Outro aspecto conflitante se dá pelas defesas presidenciais à “pseudociência” e ao “negacionismo” que foram fortes contribuintes para desinformações da população em um momento crítico. Bolsonaro ignorou as orientações da OMS e as evidências, estudos e políticas adotadas por outros países que apontavam um caminho menos doloroso para a população, no entanto um dos maiores argumentos trazidos pelo chefe do executivo era o tratamento com o uso da *Hidroxicloroquina*, realizando uma forte campanha para que fosse o principal meio de prevenção e tratamento, porém, segundo a OMS é um remédio ineficaz.

Compreendendo a falta das políticas públicas, o pouco envolvimento com a população e o forte negacionismo, o Brasil ao final de 2020 totalizou 194 mil mortes por Covid-19, sendo o segundo país com o maior número, atrás somente dos Estados Unidos, que também apresentou uma questionável forma de política adotada pelo governo do ex-presidente Donald Trump.

2.3.2. REINO UNIDO

As políticas aplicadas pelo Primeiro-Ministro britânico, Boris Johnson, seguiram um caminho tortuoso durante a pandemia. Inicialmente, o ponto mais discutido e questionado foi a “imunidade coletiva”, pensada em conjunto pelo parlamento e diferente de todos os outros países europeus. Em março de 2020 a Europa começou a se articular para implementar medidas cada vez mais rígidas, fechamento de fronteiras, quarentena e sanções aos que descumprissem as normas foram algumas das medidas iniciais dos países vizinhos. No entanto o cenário do Reino Unido se diferenciou das demais nações, e a comunidade científica de universidades britânicas, em carta aberta ao Primeiro-Ministro apontaram que as estratégias iniciais ameaçariam mais vidas do que o necessário, como trazido em reportagem pelo BBC News em março de 2020.

Pensado pelos governantes, a “imunidade coletiva” ou “efeito rebanho” é uma tática para que a população, ao se contaminar, ganhe imunidade e diminua o efeito do vírus, todavia essa alternativa gera instabilidade no sistema de saúde, uma vez que o vírus se apresentava de forma nova e não haviam tratamentos e vacinas para conter os casos graves, gerando um número alto de mortes. Analisando as informações repassadas pela reportagem da BBC News (2020), de acordo com o professor Willem van Schaik, da Universidade de Birmingham, seriam necessárias cerca de 36 milhões de pessoas infectadas e recuperadas no Reino Unido para haver a efetividade da estratégia discutida. Ainda sobre a visão do professor, foi visto que o Reino Unido é o único país europeu que está em um caminho contrário ao fechamento e encerramento das atividades e deixando o vírus circular, e que, além de haver maior número de contaminados, com a não contenção da doença outras mutações do vírus podem aparecer e dificultar o tratamento e o fim da pandemia.

Com o aumento expressivo dos casos e das mortes, um relatório do Imperial College de Londres, assinado pelos professores Nial Ferguson e Azra Ghani, estimavam que ao seguir as medidas ditadas pelo parlamento, o país ultrapassaria o número de 260 mil mortos em um curto período, como trazido por El País em março de 2020, e completado por declaração da OMS, em que afirmava “Se o governo continuasse com o modelo de mitigação, no entanto, não haveria só essa quantidade de mortos, mas o sistema de saúde entraria em colapso.”, repassado através da BBC News em 2020 e concluído com o ““A estratégia de supressão³ é a única

3 “Medidas em diversos campos da atuação estatal vêm sendo debatidas em contexto global. No campo sanitário, por exemplo, em que pese o caráter incompleto mas crescente do conjunto de evidências produzidas

viável", diz o estudo do Imperial College. ”, expondo as condições e as previsões sobre a população britânica.

Atualmente, o Reino Unido é o país da Europa com mais mortes causadas pelo novo coronavírus em decorrência dos atrasos obtidos pelo comportamento inicial do governo, como apontado pelo portal de notícias G1 em julho de 2020 e reconhecido pelo Primeiro-Ministro. Após as comunicações ao governo, as ações mudaram e passaram a seguir medidas reais de contenção. Em julho de 2020 passou a ser obrigado o uso de máscaras em locais fechados, a quantidade de testes realizados passou de 4 mil por dia para 300 mil e outras ações como multas para pessoas em aglomeração, e fortes recomendações para haver o isolamento social foram sendo sancionadas. Com essa nova postura, o país passou a acompanhar as demais nações europeias e seus protocolos, mudando o rumo da doença no país.

2.3.3. ESTADOS UNIDOS

O início da pandemia nos Estados Unidos se deu no governo do ex-presidente Donald Trump e foi marcado por grandes problemas e desvios de conduta dos tradicionalmente orientados pela OMS. Inicialmente com o primeiro caso confirmado em janeiro de 2020, o ex-presidente Trump afirmou à emissora norte americana CNBC que a situação se encontrava controlada e que logo iria passar. Com o intervalo de um mês e meio, os Estados Unidos se tornaram o novo epicentro mundial da pandemia com mais de 245 mil infectados e 6 mil mortos, ultrapassando qualquer estatística chinesa, país que se entende ter originado a doença.

Foi somente em março de 2020 que Trump começou a desenvolver medidas de contenção, e uma das primeiras foi anunciar que viagens e trocas comerciais em solo americano estariam suspensas no país. Entretanto, logo após esse pronunciamento o ex-presidente foi a público e demonstrou seu interesse em abrir o país para a páscoa e retomar as atividades normalmente, o que foi prontamente questionado pelo diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas do governo, Anthony Fauci, que argumentou a necessidade de seguir os protocolos estabelecidos pela OMS e seguir principalmente o isolamento social, segundo noticiado pela BBC News. Segundo também reportagem da BBC News, em junho de 2020, além da falta de liderança clara, o avanço da doença também se deu pela carência em testes e o mau exemplo do presidente à população. Com discursos voltados ao negacionismo da gravidade

acerca da efetividade das medidas para a contenção da pandemia, três cenários vêm sendo estudados para a prevenção da infecção pelo vírus: inação, mitigação social e supressão do contato social (Ferguson et al., 2020).”

da doença, Trump e sua equipe comparavam constantemente o coronavírus a uma “gripe sazonal” como trazido pelo portal de notícias G1 em outubro de 2020.

Com o avançar da doença pelo país e o agravamento da situação, diferentes estudos foram realizados com intuito de entender as políticas adotadas por Donald Trump e alertar a população, visto que aconteceriam as eleições presidenciais em novembro do mesmo ano. Publicado primeiramente na revista Lancet e repassado através do portal G1 em fevereiro de 2021, um estudo aponta e responsabiliza o governo Trump pela escalada das mortes por Covid no país. Segundo a reportagem “Os pesquisadores compararam o total de mortes por Covid com a média de morte em outros países do G7 – as maiores economias do mundo. (...) muitos desses países não tiveram sucesso no combate à pandemia, mas, ainda assim, tiveram um melhor desempenho do que o dos Estados Unidos”. Além dos dados voltados a pouca política para contenção do vírus, a atuação do ex-presidente também foi fortemente marcada pela sua divergência em relação às orientações para o distanciamento social e o uso de medicamentos. Condutas observadas como incentivos à medicamentos, como *Hidroxicloroquina* e *Ivermectina*, foram amplamente defendidos pelo ex governante, como pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e no entanto, segundo Fauci e a OMS, “(...) a hidroxicloroquina não é eficaz no tratamento de covid-19”, e “atualmente não há evidências de tais medicamentos”, trazidos respectivamente pelas autoridades da saúde e repassados pela BBC News em 2020, apontando outra análise de um governo conturbado no combate à pandemia.

Ao analisar de forma conjunta os três líderes, alguns padrões de comportamento são possivelmente notados e, infelizmente retratam as tragédias causadas pelo gerenciamento da pandemia em cada país. Os índices que retratam mortalidade e infecção são os principais parâmetros para compreender as ações e políticas instauradas foram eficazes ou não, e de acordo com o exposto acima, nota-se que os três países tiveram grandes dificuldades em seguir protocolos, administrar e gerenciar medidas que fossem recomendadas pela OMS e mostrasse resultado menos negativo. As características pessoais de Bolsonaro, Johnson e Trump podem ser compreendidas como negacionistas, o que garante a esses líderes aspectos fortes para que se instaure políticas potencialmente devastadoras sobre a pandemia e reflita em estatísticas negativas quanto à população e o reflexo da pandemia em 2020.

3. ANGELA MERKEL

3.1.1. GOVERNO

O governo alemão se caracteriza por ser uma república federal estruturada a partir de uma democracia parlamentar. Analisando os poderes estatais, o Presidente Federal é o mais alto representante do país em termos protocolares. Seguido pelo Presidente do Parlamento e o Presidente do Conselho Federal, que representam os interesses presidenciais. Já o cargo de Chanceler ocupa o maior nível de poder político do país. Angela Merkel desempenha a função de Chanceler, colocando-a em uma alta posição de liderança política e agindo coordenando as ações do país.

Segundo artigo trazido por El País em 2020, Merkel governa e analisa as demandas de uma forma “quase científica dos argumentos e a busca obsessiva do consenso é sua maneira de operar” e traz também uma visão de seus mandatos, em que

Merkel fugiu das grandes visões a longo prazo, convencida de que o mundo muda muito rápido e é melhor adaptar-se em cada momento. Não é propensa aos discursos grandiloquentes, não insiste nas questões estratégicas macro. Prefere construir através da gestão; a política dos pequenos passos. (El País, 2020, *online*).

Retratando o modelo de governo da Chanceler que lidera a Alemanha há 15 anos, Merkel se apresenta como a primeira mulher eleita para ser chefe de governo e segundo reportagem da BBC News (2021) teve sua popularidade oscilar no decorrer dos mandatos, mas se consolidou, nacional e internacionalmente como a principal líder da Europa. Com uma postura previsível e sóbria (BBC News, 2021), a Chanceler atingiu sua popularidade ao demonstrar que sua forma de fazer política, muitas vezes questionada por ser hesitante e sem demonstrar interesse, ao final das negociações e discussões, alcançava seu objetivo e conquistava a confiança não apenas do povo alemão, mas da comunidade internacional.

Ao longo dos anos em que esteve à frente da política alemã, Merkel passou por pautas relevantes que mapeiam seu estilo político. Um dos pontos marcantes foi o fim do uso de energia nuclear em 2011, na qual, após o tsunami no Pacífico a líder apontou o compromisso de retirar todas as usinas nucleares da Alemanha até 2022 e lançou uma forte política para mudar o perfil da matriz energética, focada em modalidades renováveis. Outra pauta marcante foi a legalização da união homoafetiva em 2017, em que apesar da sua posição política, vinha notando um aumento de apoio à pauta entre os diferentes partidos e ainda afirmou que não

impediria a discussão no legislativo, pontuando ainda que os parlamentares deveriam votar de acordo com suas crenças, e não a partir das opiniões partidárias, assim no mesmo ano houve a aprovação do tema votado, mostrando mais uma vez a resiliência da Chanceler em adequar as suas posições políticas às de seus parceiros e parlamentares. Como último exemplo, a crise migratória também foi momento importante no governo Merkel mas que apontou uma maneira diferente de lidar com o assunto. Com a guerra na Síria e os conflitos no Afeganistão e Iraque, os movimentos migratórios se intensificaram no continente europeu e a líder alemã agiu de forma distinta ao usual, em que não fez sua consulta com especialistas ou até mesmo analisou o cenário com outros líderes políticos, agiu de forma abrupta (BBC News, 2021) mudando as regras migratórias do país e passou a adotar uma política de portas abertas no qual enquadrou a Alemanha como o país europeu em que mais recebeu imigrantes, ficando também marcada com a frase de apoio “*wir schaffen das*”, que se traduz como “nós conseguiremos”, demonstrando abertura e comprometimento à causa.

3.1.2. CORONAVÍRUS, POLÍTICAS ADOTADAS E TAXAS DE CONTAMINAÇÃO E MORTALIDADE

A pandemia do coronavírus tem sido um assunto altamente relevante na forma de política de Merkel. Com seu estilo de governo sóbrio, e com a capacidade de análise e de escuta altamente fortes, segundo artigo do El País (2020), a líder adotou uma prudência e uma constante reflexão sobre os “próximos passos” que foram essenciais para os resultados da Alemanha no ano de 2020.

A crise do coronavírus mostrou a necessidade de estudos e observações minuciosas e pragmáticas, visto que precisavam ser medidas efetivas e imediatas para que a população compreendesse a gravidade da situação. Merkel é doutora em química quântica e ainda segundo El País (2020), “lida com facilidade com números e fórmulas científicas”, e “auxiliada pelos especialistas mais prestigiosos da Alemanha, tomou decisões que soube comunicar a uma população que continua confiando nela, especialmente em momentos difíceis. ” (EL PAÍS, 2020).

Foi no início de março que Merkel apareceu publicamente para comunicar a população o que estava acontecendo. Com um pronunciamento longo, didático, firme e ao mesmo tempo acolhedor, ressaltou várias vezes a gravidade da situação e comparou os desafios que iriam enfrentar à Segunda Guerra Mundial (BBC News, 2021). A partir do discurso, a chanceler

aumentou sua popularidade e conseguiu o apoio popular para estabelecer as medidas e fazer com que fossem cumpridas.

Com ações rápidas, Merkel estabeleceu um cronograma de combate à pandemia, “Graças a extensos testes desde o início, muitos leitos de terapia intensiva e os lembretes diretos da chanceler de que Covid-19 era "sério - então leve a sério", a Alemanha registrou até agora menos de 5.000 mortes, um número muito menor do que a maioria Países da UE.” (THE GUARDIAN, 2020, *online*) matéria publicada em abril de 2020, e segue apontando medidas iniciais que colocaram o país em uma posição satisfatória, como

(...) as exposições claras e calmas de Merkel - um clipe dela explicando a base científica por trás da estratégia de saída do bloqueio do governo foi compartilhado milhares de vezes online - também ajudaram a impulsionar a aprovação pública da forma como a chanceler do quarto mandato lidou com a crise acima de 70%. (THE GUARDIAN, 2020, *online*).

Ações decisivas, mensagens eficazes e visões empáticas foram percebidas no comportamento de Merkel ao instituir as medidas, podendo observar que sua estratégia de aproximação com a população causou um sentimento de firmeza no que ela estava passando, e assim, confortando e gerando maior confiabilidade. No texto de Johnson e Williams (2020) elas trazem uma visão da líder que

(...) Merkel (2020), apelidada de “*Mutti*” (mamãe), também expressou compaixão pelo quão doloroso seria o distanciamento social e o isolamento dos idosos, porque em tempos difíceis: “Mostramos afeto permanecendo próximos e estendendo a mão uns aos outros. Mas, neste momento, devemos fazer exatamente o oposto.” (JOHNSON; WILLIAMS, 2020, *online*).

Assim, enquadra-se seu comportamento costumeiramente tido como frio e pouco afetuoso a características mais associadas ao “tradicionalmente” visto e entendido como feminino, como o instinto maternal de proteção e cuidado, a forma zelosa de agir e comunicar e a preocupação constante, apontando a afinidade e compaixão com o povo alemão.

Uma das principais políticas adotadas no país foi o alto número de testes realizados. Com um número aproximado de 500 mil testes realizados por semana, a estratégia de detecção precoce da doença auxiliava o rápido tratamento e mantinha o número de mortes mais baixo, também considerando que pessoas em contato com o doente eram testados e orientados a fazer o isolamento, trazido na reportagem do jornal Correio Braziliense em março de 2020. Outro ponto positivo na gestão da pandemia é que, as autoridades constantemente solicitavam pareceres de especialistas de saúde para influenciar nas recomendações e medidas adotadas,

transparecendo segurança e veracidade das políticas implementadas. A partir do aconselhamento das instituições públicas alemãs, o governo foi enrijecendo gradativamente as formas de lidar com a doença, com o fechamento de restaurantes e bares, a proibição de comércio não essencial e a restrição de reuniões com no máximo duas pessoas, a Alemanha foi se tornando referência na administração da doença por não ter um aumento exponencial de mortes e um controle maior dos casos, mostrado na reportagem anteriormente dita do Correio Braziliense.

Ainda ao analisar a situação do país e as medidas para gerenciar a crise, a infraestrutura hospitalar tem sido referência na Europa, visto que o especialista em virologia Christian Drosten informou e preparou os hospitais para as complicações da pandemia, como trazido na Carta Capital em 2020, e complementando, que a Alemanha é um dos países europeus com o maior número de leitos para pacientes em terapia intensiva, como também apresentado na reportagem.

Passando a observar os efeitos das medidas e os números de contaminados e mortos, em março de 2020 a Alemanha não havia decretado quarentena como muitos outros países europeus, no entanto suas curvas de contaminação e mortalidade eram mais controladas do que, por exemplo, França e Espanha, segundo reportagem de Lourival Sant'Anna da CNN Brasil em março de 2020. Com 14 mil casos confirmados e 42 mortes, a Alemanha se destacava no cenário europeu, entendendo que a Espanha tinha 17 mil casos confirmados e 800 mortes, e a França 9 mil casos confirmados e 243 mortes. Esses dados podem ser entendidos como trazido na reportagem de Sant'Anna em que com maior número de testagens, há maior probabilidade de isolamento e tratamento, uma vez que se sabe o diagnóstico e assim há tempo para tratar a doença.

Outro fator observado na reportagem foi a percepção que nesse período (até março de 2020), a maior taxa da doença se dava em jovens, e foi entendido que, no instante em que houve instrução à população da gravidade da doença, principalmente na população idosa, os jovens continuaram seus trabalhos e pouparam os mais velhos para que se resguardassem, assim, refletindo a quantidade maior de casos nessa faixa etária e baixo número de mortes.

Já em abril, o governo implementou a quarentena mais restrita, o lockdown, e com três semanas começou a ver os resultados positivos em que o número de recuperados havia sido maior do que de mortes e novos casos. E assim o país foi lidando com a crise de forma integrada entre governo, parlamento e estudiosos, como dito por Lothar Wieler, presidente do Instituto Robert Koch, “Comparada a outros países, a Alemanha reagiu às infecções precocemente, e ainda segundo Wieler, e não apenas quando já havia muitas pessoas infectadas. As medidas iniciais foram particularmente eficazes, de acordo com o especialista.” (DW, 2020). Somado a esses fatores, a população alemã possui uma forte característica de disciplina, são rápidos em

se adaptar a novas estruturas e são burocráticos, o que reflete em compreender as normas e regulamentações e segui-las, conforme apontado pelo jornal alemão Deutsche Welle (DW, 2020).

À vista disso, o contexto encontrado na Alemanha no período de 2020 da pandemia do coronavírus foi superior a países vizinhos, a governos negacionistas e se apontou como forma de trabalho ações conjuntas, pensadas e estudadas para que a população tivesse o menor impacto e a doença atingisse o menor número de pessoas.

3.2. JACINDA ARDERN

3.2.1. GOVERNO

O governo neozelandês se caracteriza por ser uma monarquia parlamentarista estruturada a partir da eleição dos representantes políticos, de forma indireta. Oficialmente, a Rainha Elizabeth II é a autoridade simbólica máxima do país, e assim, ocupa o cargo de chefe de Estado pelo acordo firmado entre a Nova Zelândia e o Reino Unido em 1947, Estatuto de Westminster, que inclui o país na Comunidade Britânica, Commonwealth. A monarca é representada pelo Governador Geral, nomeado pelo Primeiro-Ministro e tem as funções de nomear ministros e embaixadores e o Conselho de Ministros é liderado pelo Primeiro-Ministro, atualmente ocupado pela Jacinda Ardern e compreende a função de formular as políticas e as tomadas de decisão do país.

Eleita em outubro de 2017, Ardern passou a ocupar o cargo mais importante, politicamente, com três meses de filiação do Partido Trabalhista. É considerada a mulher Primeira-Ministra mais jovem que a Nova Zelândia já teve, com 37 anos no dia em que assumiu, e enfrentou questionamentos dos mais diversos dentre sua aparência, sua forma de governar e seu gênero. Um das maiores problemáticas enfrentadas foi sua gestação no período do mandato. Com pouco tempo após assumir o cargo, Ardern teve sua primeira filha em 2018 e foi a primeira premiê do país a ter um filho durante o mandato, e das 18 semanas de licença-maternidade, tirou apenas 6, segundo reportagem da CNN Brasil Internacional em 2020. Ainda sobre a maternidade, outra parte polemizada foi sua aparição na reunião da Assembleia Geral da ONU com sua filha no colo, e trazido também pela reportagem da CNN Brasil um trecho da fala de Ardern sobre a situação “Gostaria de ter capturado o olhar assustado de uma delegação japonesa dentro da ONU ontem, que entrou numa sala de reuniões no meio da troca de fraldas”, escreveu em seu perfil no Twitter.”. (CNN Brasil, 2020).

Outras características importantes são também abarcadas pela forma como a Primeira-Ministra faz política, em que, segundo El País (2020) “A capacidade de mostrar seu lado mais humano é um dos atributos por trás da alta popularidade da primeira-ministra” e completa:

(...) Jacinda faz política de forma diferente. Ela não ataca o adversário, ela joga limpo e combina empatia com força. As pessoas se concentram em sua bondade porque é o aspecto novo, mas ela também é uma líder que toma decisões com garra. (EL PAÍS, 2020, *online*).

Esse trecho reflete em sua forma de lidar com as demandas do país. Traz-se como exemplo de pauta em seu governo o atentado a uma mesquita em Christchurch, em que houve um ataque terrorista deixando 51 mortos e Ardern formou um grupo pluripartidário para visitar as famílias das vítimas, trazido pela reportagem da CNN Brasil (2020) e “As imagens das visitas de Ardern, sempre com a cabeça coberta por um hijab [...], em respeito às tradições das famílias afetadas, viraram símbolo de sua postura em meio à crise de segurança, elogiada por especialistas políticos.” E como política para o atentado, a Primeira-Ministra determinou a proibição da venda de fuzis e armas semiautomáticas com aplicação de multas e prisões, assim, para conter os possíveis atentados e ataques. Ainda como análise sobre suas abordagens e formas de políticas, o governo Ardern é visto como progressista e diversificado, em que há uma maior quantidade de pessoas não brancas, mulheres, grupos LGBT e indígenas (BBC News, 2020), podendo perceber suas fortes características trazidas anteriormente.

3.2.2. CORONAVÍRUS, POLÍTICAS ADOTADAS E TAXAS DE CONTAMINAÇÃO E MORTALIDADE

A popularidade de Jacinda aumentou consideravelmente com as medidas adotadas durante a pandemia, e considerando sua forma de governo é notório que os resultados alcançados ao final do ano de 2020 colocaram a Nova Zelândia em destaque pela contenção do vírus e pelas políticas adotadas, como na reportagem de El País em setembro de 2020 “O governo neozelandês foi reconhecido internacionalmente por sua estratégia de contenção da pandemia, que causou apenas 25 mortes em um país de quase cinco milhões de habitantes.”.

Como já mencionado no caso da Alemanha, a crise do coronavírus destacou a forte necessidade de agir politicamente baseado em estudos, ciências e em conjunto. Segundo portal National Geographic (2020),

Se existe um lado otimista na resposta global à pandemia, certamente a Nova Zelândia o representa. Enquanto governos do mundo inteiro hesitavam sobre como responder ao surto e viram os casos de contaminação pelo vírus dispararem, a Nova Zelândia deu um exemplo firme e baseado na ciência. (GULLEY, A. 2020, *online*).

As primeiras medidas de restrição foram adotadas em fevereiro proibindo voos partindo da China e em sequência, em março, o país entrou em quarentena obrigatória, mesmo apresentando seis casos em todo o país (National Geographic, 2020). Como também trazido pelo jornal *Diplomatique* (2020), “O bloqueio aplicado na Nova Zelândia foi considerado o mais rigoroso do mundo.”, e a partir dos bloqueios nacionais, a Primeira-Ministra deu continuidade às formas de impedir o avanço do vírus.

Fortemente caracterizada por sua empatia (WATSON, 2020, p. 5), Jacinda estabeleceu com a população neozelandesa um contato mais próximo e indireto, colocando-se de forma informal mas informativa. Graduada em Comunicações, a líder fez aparições em redes sociais para conversar com as pessoas e explicar o que estava acontecendo e os passos a serem adotados, “entregando mensagens de vídeo empáticas do tipo “fique em casa, salve vidas” de seu sofá e se comunicando diariamente por meio de conferências de imprensa não combativas ou vídeos íntimos do Facebook Live, seu meio favorito.” (THE GUARDIAN, 2020, *online*), é percebido sua constante forma gentil e uma política de responsabilidade coletiva, “Ela apontava as orientações, criando um significado para aquele *novo viver*, estabelecendo uma troca mútua no quesito empatia e convencendo que todos agissem em prol de uma meta coletiva.” (DIPLOMATIQUE, 2020, *online*), em que projetou nas pessoas o senso de coletivo para erradicar a doença.

Com sua política “*Hit hard. Hit early.*”, entendido como “ir com força e ir cedo”, Ardern projetou o isolamento social rígido por 40 dias para que houvesse uma intervenção rápida afim de combater a proliferação do vírus de maneira precoce, e, assim como Merkel, instituiu a política de testagem em massa, gerando um maior controle dos níveis de contaminação e auxiliando a população sobre suas formas de contágio e a necessidade de isolar e conter a doença, além de conseguir o tratamento de forma inicial gerando um risco menor a pessoa. O país utilizou de quatro estágios para um maior controle do vírus, onde se entende o nível um no cenário em que a doença está contida, e o nível quatro é o máximo de alerta e restrições mais severas, como o lockdown (OLIVEIRA, C. 2021, *online*), e aplicou o nível quatro até os casos no país reduzirem a quase zero.

Uma das formas mais atuantes de contenção da doença foi o rastreamento dos cidadãos, visto que consistia em monitorar e localizar a pessoa contaminada, os contatos que ela tinha e

os lugares que ela frequentou. Essa estratégia utilizada foi feita com o auxílio de um aplicativo desenvolvido para informar sintomas, hospitais, protocolos de segurança e para que os neozelandeses registrassem as informações sobre estado de saúde e locais visitados (OLIVEIRA, C. 2021, *online*), assim sendo possível um maior controle da transmissão do vírus, e sempre reafirmando a necessidade de cada cidadão para que o papel coletivo gere um engajamento comunitário e provoque responsabilidade social.

Foi no dia 8 de junho que a premiê foi a público informar que não havia nenhum novo caso de Covid-19⁴, e com essa notícia não só a Nova Zelândia, mas o mundo via uma esperança de melhorar o cenário global e retomar a normalidade, no entanto, Jacinda se demonstrou feliz na coletiva de imprensa mas pontuou “as medidas seriam concebidas com cautela *nós eliminamos a transmissão do vírus por enquanto (...) embora o trabalho não esteja concluído, este é um marco*. Este fato, efetivamente foi uma conquista de uma gestão baseada na ciência, privilegiando o cuidado à saúde e a sustentabilidade da vida.” (DIPLOMATIQUE, 2020, *online*), e mudou do nível 4 de isolamento, para o nível 1, afirmando que haveria abertura dos estabelecimentos e flexibilização das regras de distanciamento físico.

Ainda analisando a forma empática e progressista como Ardern lida com as pautas políticas, se tornou simbólico o anúncio feito de que haveria um corte de 20% em seu salário como também nos salários dos Ministros e Executivos do Serviço Público do país (DIPLOMATIQUE, 2020, *online*), pelo prazo de seis meses. Como principal argumento, a Primeira-Ministra apontou como um ato de solidariedade a todas as pessoas que sofreram com perdas empregatícias e rendas diminuídas e interrompidas, e ainda elencou exemplos de ações que cada cidadão poderia fazer como cuidar dos vizinhos, congelar a cobrança dos alugueis, a doação de mantimentos a quem necessitava, reafirmando seus valores voltados ao bem comum, ao zelo da comunidade e a proteção de cada pessoa.

Com o cenário no país apresentando 1.132 casos e 22 mortes em junho de 2020, as políticas econômicas não eram antagônicas às políticas de saúde. Como colocado pelo jornal Diplomatique (2020) “Sua trajetória política é marcada por sua capacidade de se colocar no lugar do outro.”, ilustrando como a forma de dialogar perante as situações compreende analisar todos os lados, e assim, é compreendido a estratégia econômica principal, “ressalta a

⁴ “Today there are no active cases in New Zealand. We have tested almost 40.000 people for Covid-19 in the past 17 days and none have tested positive. We have no one in hospital for Covid-19 for 12 days. It’s been 40 days since the last case of community transmission, 22 days since that person finished their self-isolation. And so today I can announce that cabinet has agreed we will now move to level 1 to get our economy fully open again and we will start almost immediately. We move down to Covid-19 alert level 1 from midnight tonight.” (ARDERN, J. Guardian News, 2020).

concentração de esforços em pacotes de recuperação econômica que possam garantir os empregos.”, também trazido pelo Diplomatique (2020). Dessa forma, o cenário colocado pela líder foi de rigidez e rapidez para que o quanto antes se recuperassem da pandemia, e assim refletiu-se também nos aspectos econômicos, em que “(...) Uma das alternativas pensadas para suprir os déficits econômicos, foi a criação de uma possível *zona livre de coronavírus*.” (DIPLOMATIQUE, 2020, *online*), que visava minimizar os danos no turismo do país, assim, foi criada uma “bolha de viagem” entre Austrália e Nova Zelândia para que se pudessem transitar entre os países e impulsionar a economia. Sempre pensando de forma integrada e conjunta, Ardern atrela o desenvolvimento da economia aos bons índices da saúde humana, descrito pelo Diplomatique (2020).

Em face do exposto apresentado sobre o formato de liderança empático, solidário, voltado à ciência e às pesquisas, o governo de Jacinda Ardern passa a ideia de “O foco principal é a mensagem de prevenção a ser dada a todos. Como líder superior de seu país, na crise pandêmica, Jacinda exemplifica que governa em prol da saúde de todos os neozelandeses, independente da sua vertente política.” (DIPLOMATIQUE, 2020, *online*), assim, refletindo os argumentos apresentados de um dos países com melhor desempenho na pandemia em 2020.

4. ANÁLISE DO ESTILO FEMININO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Como anteriormente exposto sobre o Estilo Feminino de Comunicação Política, as autoras Blankenship e Robson (1995) pontuam que a utilização desse formato de comunicação política se deu pelo constante perfil masculino de atuação em esferas públicas e não haver representação e identificação feminina. Entende-se ainda que há manifestações que englobam o uso de estilos masculino e feminino, e como pontuado, essa dicotomia pode ser vista como “bicultural” (BLANKENSHIP; ROBINSON, 1995), abarcando a diversificação dos discursos. Ademais antes de analisar as líderes e fazer possíveis comparações, deve-se assinalar que o termo e o conceito não dizem respeito aos aspectos biológicos relacionados ao sexo feminino, mas sim, sobre características fenotípicas tanto de Merkel quando de Arden.

Dessa forma, as autoras enquadram o Estilo Feminino em um contexto de mudança social em que se observa a fusão das esferas “pública e privada”, como exposto na seção um deste trabalho e se completa em que há “um realinhamento de quais papéis e comportamentos são “apropriados” para mulheres e homens” (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 353), justificando de maneira a “um estilo feminino não só existe, mas sua legitimação está se expandindo através do seu uso por ambos mulheres e homens em posições de poder.” (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 353).

Para se definir os termos, anteriormente citados também na seção um, são apresentadas 5 características que moldam, circundam, sobrepõem e se cruzam (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 358) o comportamento das líderes para integrá-las ao *Feminine Style*, das características são:

1. Basear julgamentos políticos em experiências vividas concretas.
2. Valorizar a inclusão e a natureza relacional do ser.
3. Conceituar o poder do cargo público como uma capacidade de “fazer as coisas” e para capacitar outros.
4. Abordar a formação de políticas de forma holística.
5. Levar as questões das mulheres para o primeiro plano da arena pública.

Começando a analisar as características de forma mais detalhada, observa-se que a primeira voltada às experiências vividas atribui-se que “esse recurso ao movimento de mulheres e suas questões da esfera privada para a pública, conforme evidenciado no discurso sobre violência doméstica, bem como outros assuntos.” (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 359), retomando os conceitos e argumentações sobre o espaço privado, costumeiramente ocupado por mulheres e que se ao entrar no campo público, somam experiências e práticas para que

usem em discursos políticos, ações coletivas e nas próprias políticas públicas. O segundo ponto revela

(...) apreciação de múltiplas perspectivas, especialmente as perspectivas daqueles impactados mais diretamente por o produto da governança. Esta abordagem permite ainda que as mulheres operem dentro da política sistema de uma forma que esteja em consonância com e valide seu senso da natureza relacional de ser. (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 361),

Compreendendo que os impactos gerados das mulheres nos processos políticos fomentam formas mais inclusivas de governar, agregando opiniões, posições contrárias e diferentes formas de enriquecer pautas públicas. Já partindo para o terceiro ponto, as autoras trazem as reflexões “*Power is "the ability to get things done."*⁵ e “*I didn't think about having power myself.*”⁶ (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 361), e conceitua afirmando que o estilo feminino pode ser percebido e encontrado em atitudes expressas em relação a processos legislativos, a definições de cumprimento para que se traduza de maneira a realizar políticas ao mesmo tempo em que amplia o nível de conhecimento aos outros.

O quarto ponto é colocado pelas autoras de forma que “Está dentro do contexto desse sistema mais completo que ocorre a formação de políticas eficazes.” (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 362), ainda explicando “Em vez de se concentrar estritamente em "um problema", a perspectiva relacional discutida acima promove uma abordagem holística para a formação de políticas, reconhecendo o sistema mais completo a partir do qual um problema particular surge e as interdependências dentro desse sistema.”, e apontam que as quatro primeiras características explanam como as mulheres se desenvolvem em discursos públicos e em formação de políticas e governanças em geral (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 362).

E como último ponto explicitam que tal característica está voltada a tipos específicos de legislação para o qual as mulheres se identificam e ocupam o protagonismo das pautas, àquelas tradicionalmente negligenciadas pelos órgãos de poder (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 362), acrescentando a argumentação em que

Embora nem todas as mulheres assumam a mesma posição em relação a cada questão feminina específica, ou mesmo precisamente na definição de "questões femininas", a maioria acredita nessas questões, embora de forma restrita ou amplamente definidos, precisam de maior prioridade, e muitos (talvez a maioria) acreditam que se as mulheres não trabalham para esse fim, essas questões

5 “Poder é a habilidade de concretizar as coisas (ou ações)”.

6 “Eu não me imaginei tendo todo esse poder”.

provavelmente não receberão toda a atenção que necessitam. (BLANKENSHIP; ROBSON, 1995, p. 362).

Corroborar-se, assim, o entendimento de que a pluralidade feminina compreende diferentes visões e perspectivas, assim, abordando as mais diversas questões, demonstrando o valor filosófico e estratégico, revelando o potencial em esferas públicas, interpretando os discursos femininos como reprodutores daquelas condições com o propósito de criar bases alternativas para o julgamento político tradicional, como trazido em Dow; Tonn (1993, p. 298).

4.1. ANGELA MERKEL

Perante as informações previamente apresentadas e iniciando as inferências sobre Merkel e o *Feminine Style*, a política se enquadra muitas vezes como um ambiente dominado por homens e com características voltadas ao perfil masculino. Angela Merkel, chanceler alemã, entrou no cenário público ajustando sua forma de governo para se adaptar ao “formato padrão”. Sheeler e Anderson (2014) colocam que “O caminho dela para o poder era semelhante ao de muitas candidatas e, em vez de resistir estereótipos de gênero, ela frequentemente se apropriava deles estrategicamente.”, somando à “(...) o caso de Merkel faz não representar um simples triunfo do feminismo sobre o patriarcado. Nem o gênero dela nem seu estilo retórico deslocou as normas patriarcais da cultura política alemã.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 475), apontando a constante afirmação sobre a presença do patriarcado nas instituições, dentre elas, o cenário político.

Contrapondo o discurso já abordado sobre a dominação masculina no ambiente político, as aparições e a forma de governo apresentado por Merkel se demonstram satisfatórias, como mencionado anteriormente, a líder se tornou a maior figura política na Europa, e assim

Como o caso de Merkel ilustra, o sucesso de uma candidata proeminente não necessariamente abala as expectativas masculinas da estrutura partidária, mesmo quando ela conta com estratégias femininas de negociação e construção de coalizações para alcançar a vitória em um sistema proporcional. (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 486).

No instante que se analisa a forma de governo e de aparições, as abordagens tidas são vistas como de representação feminina, o que se inicia a comparação com o estilo feminino, “(...) a “nova abordagem” de Merkel foi informada por sua moralidade feminina e contido

por sua determinação de representar humildemente o povo alemão. É durante esse discurso que a retórica de Merkel se conforma mais explicitamente às normas do estilo retórico feminino.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 486).

Visto também as análises e o desenvolvimento do estilo feminino, a forma como Merkel se apresenta nos discursos públicos, muitas vezes se enquadra nesse formato de comunicação. Para ilustrar esse conceito aplicado à chanceler, “Angela Merkel serve como uma apta ilustração das complexidades inerentes de gênero e estilo retórico.”, traz Sheeler e Anderson (2014, p. 475), e justifica “Seu estilo retórico, percebido como “autêntico”, emprega uma maneira direta, clara, concisa e pragmática.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 486). Além dessa passagem, Sheeler e Anderson enquadram o discurso de Merkel nas 5 características presentes do *Feminine Style*, “O discurso de político de Merkel demonstra as características do estilo feminino, inserindo inclusão e foco nos relacionamentos, realização de tarefas, capacitando outros e adotando uma abordagem holística para a formulação de políticas.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 487) tornando o argumento de que a forma política adotada pela chanceler se enquadra no fenômeno do estilo feminino.

Trazendo outros dois exemplos da conduta de Merkel, apresenta-se ainda em Sheeler e Anderson (2014) que “Cada pronunciamento de política ecoa de volta à responsabilidade moral e comum dos valores reivindicados no início do discurso: liberdade, comunidade e justiça social.”, aspectos vistos em sintonia à temática política, e ainda “Ela estrutura suas políticas em torno da inclusão, empoderamento de outros e construção de relacionamentos para fazer as coisas.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 488) novamente enquadrado nas características do estilo feminino. Por fim, “Merkel fundamenta cada uma de suas recomendações de política nos valores comuns de liberdade, comunidade e justiça social.” (SHEELER; ANDERSON, 2014, p. 488), como demonstração não apenas da forma política trazida, mas também na forma como desempenha e age em sua função política de forma íntegra.

Direcionando as interpretações nas políticas públicas do governo Merkel no período da pandemia as ações tomadas para contenção do vírus, controle de novos casos e segurança da população, pode-se inferir que suas rápidas medidas evitaram maiores perdas, a constante consulta à especialistas forneceu segurança e confiança à população, a forte política de testagem associada a prudência dos fatos e recomendações de Organizações Internacionais fez com que a Alemanha se tornasse referência nas medidas contra a doença no ano de 2020, trazido em reportagem pelo Correio Braziliense (2020).

Em síntese, o que se pode alcançar a partir dos fatos expostos, das características apresentadas de Angela Merkel é que a chanceler alemã apresenta traços e particularidades que se enquadram no Estilo Feminino, em que sua forma argumentativa, concisa, inclusiva e pragmática são notadas dentre as características apresentadas, e assim, entende-se que pela forma como governa e pelas observações feitas no tempo delimitado do ano de 2020 durante a pandemia do coronavírus,

O potencial para uma perspectiva alternativa no estilo feminino, é aquele que inclui tanto seu valor filosófico quanto estratégico. E se estilo feminino é um reflexo das condições da existência feminina, então talvez o estilo feminino revele o potencial na esfera pública de reprodução positiva e com os elementos dessas condições. (DOW; TONN, 1993, p. 298),

Enquadrando-a no perfil feminino que olha para a situação e age de forma baseada em experiências, relacionando e capacitando os demais, abordando políticas inclusivas e de cunho social e inserindo pautas voltadas às mulheres ao centro das discussões.

4.2. JACINDA ARDERN

Após apresentar os aspectos de liderança de Angela Merkel e ver como se enquadram dentro das características do estilo feminino, passa-se à análise de Jacinda Ardern. A premiê neozelandesa também é vista e analisada sob os conceitos anteriormente apresentados. Inicialmente, os pontos mais abordados sobre Ardern são relacionados a sua mudança no perfil de governo e a maneira como consegue liderar de forma mais integrativa e social. Por ser uma líder mulher, jovem, progressista, foge dos padrões em que a Nova Zelândia estava comumente acostumada, “Ardern significa uma mudança, não apenas em apresentar um tipo diferente de pensamento sua linguagem, mas que ela também exemplifica uma mudança em a forma como a linguagem política é usada, principalmente através do uso das redes sociais.” (TIMPERLEY, 2008, p. 8), levantando outro ponto sobre a Primeira-Ministra, o uso de redes sociais e a aproximação com a população através delas, uma das cinco características do Estilo Feminino, em que o entendimento de “abordar a formação de políticas de forma holística” e “levar as questões femininas para o foco da arena pública” notoriamente se enquadram no estilo feminino.

Entrando no campo político e na imagem passada através do seu discurso, Jacinda apresenta um perfil, tradicionalmente entendido como “mais feminino” e com características que são voltadas ao universo das mulheres, como em comparação à Merkel em que traça um

perfil mais duro e sólido, retratado “Em contraste com outras mulheres líderes, como Angela Merkel, Ardern está sempre representada na mídia política e popularista como uma líder feminina” (PULLEN; VACHHANI, 2020, *online*). E segundo reportagem de Susan Devane Y em 2020, “(...) ela tem sido constantemente elogiada por sua abordagem calorosa, a um milhão de milhas dos traços de personalidade agressivos e implacáveis que foram associados a líderes por séculos.”, como outras características, empática, solidária, fraternal que associam à imagem de Ardern, aspectos naturais quando observados também no contexto apresentado sobre a pandemia e as abordagens feitas.

Podendo compreender os estereótipos contidos na política e na liderança feminina, “Imaginar construções positivas de feminilidade como cooperação, empatia e cuidado adequados a estilos de liderança eficazes também pode ser lido como uma resposta aos desejos das mulheres de assumirem responsabilidade por si mesmas e por suas vidas.” (PULLEN; VACHHANI, 2020, *online*) seguido pelo complemento em que “É claro que o vínculo de gênero na liderança está sendo reforçado por um vínculo que justapõe emoção e racionalidade, sendo a racionalidade privilegiada na liderança.” (PULLEN; VACHHANI, 2020, *online*), ideais que foram necessários para utilização do estilo feminino para enquadrar e caracterizar parte das ações políticas das mulheres. A Primeira-Ministra neozelandesa

(...) não acatou o imperativo de minimizar a feminilidade e representar o masculino como um marcador de boa liderança. Ardern, em parte, escapou da armadilha clássica de representar a feminilidade de uma forma que é reduzida a apenas um imperativo terapêutico e de cuidado e é elevada a ser uma líder exemplar com a credibilidade necessária para a liderança pública (Dick 2019). (PULLEN; VACHHANI, 2020, *online*)

Apontando também para como esse aspecto se enquadra nas formas do *Feminine Style*, e se confirma ao entrar no campo de análise referente as tomadas de decisão sobre a pandemia, as ações imediatas e os resultados obtidos. Segundo reportagem da BBC News, em dezembro de 2020, um estudo realizado aponta a Nova Zelândia como o melhor desempenho durante a pandemia, analisando a estratégia para não propagação, o cuidado com a população e os aspectos econômicos. Somando-se a essa análise, o enquadramento da Ardern no Estilo Feminino também pode ser observado, como feito com Merkel, em que se enquadra em características voltadas a experiências vividas, a inclusão e capacitação das pessoas, abordar as políticas de forma humanizada e holística, além de frisar e destacar constantemente as pautas femininas. Nos quadros abaixo é possível ver um resumo das

análises apresentadas nesse capítulo e as evidências de que as políticas adotadas por Merkel e Ardern foram mais eficazes em relação à covid que dos outros países apresentados.

Quadro 1. Comparações entre os estilos de comunicação política durante as ações na pandemia do coronavírus em 2020, entre Angela Merkel e Jacinda Ardern

Dados	Angela Merkel	Jacinda Ardern
Basear julgamentos políticos em experiências vividas concretas.	Não foi possível verificar essa característica na líder.	Apresentando um lado informal e cotidiano durante a pandemia, a Primeira-Ministra gerou uma constante de empatia por apresentar a realidade em que muitos estavam vivendo.
Valorizar a inclusão e a natureza relacional do ser.	Consultando constantemente àqueles capacitados para orientar durante a pandemia.	Abrindo espaço para que cientistas, estudiosos e todos aqueles voltados à área da saúde atuassem.
Conceituar o poder do cargo público como uma capacidade de "fazer as coisas" e para capacitar outros.	A partir das ações tomadas, pode-se perceber que a posição de liderança e as escolhas políticas foram satisfatórias no cenário global.	Com base nas medidas de contenção, e na agilidade para cumprir os protocolos, usou de sua posição política para gerenciar a situação e se apresentar positivamente no cenário internacional.
Abordar a formação de políticas de forma holística.	Ampliando as ações para abranger a todos, a chanceler liderou, no período da pandemia de forma inclusiva e integral.	Visando o bem comum e a saúde coletiva, pode-se entender o formato de política pública como totalizante dos neozelandeses durante a pandemia.

Levar as questões das mulheres para o primeiro plano da arena pública.	Ao defender não só os direitos femininos, mas colocar a mulher no centro das discussões e ampliar as oportunidades.	A líder se declara feminista e questões como independência, maternidade e empoderamento são constantes em seu discurso.
---	---	---

Quadro 2. Comparações entre a média de casos, mortes e testes positivos nos cinco países mencionados anteriormente.

Dados	Angela Merkel	Jacinda Ardern	Jair Bolsonaro	Boris Johnson	Donald Trump
Média de casos em 7 dias	31/07/2020 682	31/07/2020 1	31/07/2020 45.588	31/07/2020 752	31/07/2020 64.015
Média de mortes em 7 dias	31/07/2020 4	31/07/2020 0	31/07/2020 1.034	31/07/2020 14	31/07/2020 1.205
Testes com % de resultado positivo	26/07/2020 0.8%	26/07/2020 0%	Não disponível	26/07/2020 0.5%	26/07/2020 6.8%

Fonte: Our World in Data, Disponível em: <https://ourworldindata.org/>.

Ao compreender os dados apresentados no quadro 2, é visto que as três variáveis analisadas, média de casos, média de mortes e testagem da população, são demonstradas com melhores resultados para Merkel e Ardern. Ainda podendo firmar as afirmações trazidas ao longo desse trabalho, em que sustentaram um melhor desempenho o combate à pandemia e comprovada observando as diferenças entre os cinco líderes.

CONCLUSÃO

Uma vez que os argumentos sobre a política internacional foram descritos e explanados apresentando o cenário desigual entre homens e mulheres, a parte final deste trabalho visou compreender para além das interpretações de espaços públicos e privados e para além da pouca representatividade feminina em ambientes políticos, o foco em duas líderes destacando a forma de comunicação política e o desempenho na pandemia do coronavírus em 2020.

Com o propósito de interpretar as ações políticas da chanceler alemã Angela Merkel e da premiê neozelandesa Jacinda Ardern, as medidas implementadas a fim de controlar o avanço da pandemia do coronavírus foram de cunho científico, sanitárias e coletivas, baseadas em relatórios, estudos e em recomendações de Organizações Internacionais objetivando o não colapso da saúde pública e o bem estar de toda a população. Uma vez que se descreve e traça os perfis analisado das líderes, as condutas sociais e políticas se demonstraram distintas entre si, mas ao mesmo tempo apontam a pluralidade na liderança feminina. A teoria de gênero das Relações Internacionais buscou ampliar o debate e iluminar questões pouco discutidas, e ao trazer a análise teórica para os comportamentos e discursos das líderes há a inserção da presença feminina no cenário público e abre espaço para que seja discutido de forma equiparada.

Dito isso, os objetivos da pesquisa foram cumpridos e a pergunta central foi respondida entendendo a exploração dos comportamentos, dados e ações políticas que traduziram a forma de governo de cada uma e como a compreensão sobre como o Estilo Feminino se adequou dentro do âmbito político internacional, também afirmando que a caracterização das apresentações de cada líder e as medidas implementadas durante a crise da pandemia em 2020 foram mais eficazes em relação aos outros países vistos neste trabalho. Ademais, incorporando os desempenhos de ambas as líderes foi percebido que a incorporação ao *Feminine Style* se deu em análises específicas e de maneiras distintas. No entendimento da liderança de Merkel, foi possível compreender que a chanceler se enquadrou em quatro das cinco características, salvo apenas quando se tratou de analisar julgamentos políticos em experiências vividas concretas, assim, não achando conexão entre os discursos e medidas adotadas e o estilo feminino. Partindo para a interpretação de Ardern, foi possível verificar que a premiê abarcou as cinco características elencadas no tópico analisado.

No entanto, não obstante foram notados os fins políticos e os resultados finais dos comportamentos tidos ao longo do ano de 2020 durante a pandemia, mas também uma compreensão de causas e participações políticas anteriores que serviu para mapear e pontuar o perfil de cada líder e assim fazer um estudo geral da forma de comunicação política de cada representante e por fim enquadrá-las ou não no estilo feminino de comunicação política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coronavírus: os melhores e os piores países para se estar na pandemia. **BBC News**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55095323>.
- Os fatores por trás da popularidade de Jacinda Ardern, reeleita com folga premiê da Nova Zelândia. **BBC News**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54608815>.
- BIROLI, Flávia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 90, p. 45-69, 2010.
- BIROLI, Flávia. Teorias feministas da política, empiria e normatividade. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 102, p. 173-210, 2017.
- BLANKENSHIP, Jane; ROBSON, Deborah C. A “feminine style”; in women's political discourse: An exploratory essay. **Communication Quarterly**, v. 43, n. 3, p. 353-366, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª edição. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2002.
- BRITO, Sávio Breno Pires et al. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology) –Visa em Debate**, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.
- BRUM, Eliane. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. **El País**. 2021.
- CARBAJOSA, Ana; DE MIGUEL, Bernardo. O método Merkel. **El País**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-06-05/o-metodo-merkel-de-liderar-a-europa.html>.
- Entenda por que Alemanha registra baixa mortalidade pelo coronavírus. **Carta Capital**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/entenda-por-que-alemanha-registra-baixa-mortalidade-pelo-coronavirus/>.
- CARVALHO, P. Quem é Jacinda Ardern, premiê da Nova Zelândia. **CNN Brasil**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-jacinda-ardern-premie-da-nova-zelandia/>.
- CHECK, Reality. Trump com covid-19: o que há de certo ou errado no que presidenciais dos EUA já falaram sobre coronavírus. **BBC News**. 2020.
- CIOTTI, Marco et al. The COVID-19 pandemic. **Critical reviews in clinical laboratory sciences**, v. 57, n. 6, p. 365-388, 2020.
- Bolsonaro usou seus poderes para atrapalhar o combate à pandemia, mostra estudo. **Correio Braziliense**. 2021. Acessado em agosto de 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/04/4919557-bolsonaro-usou-seus-poderes-para-atrapalhar-o-combate-a-pandemia-mostra-estudo.html>.

Os efeitos do coronavírus sobre a Alemanha, 100 dias depois. **DW**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-efeitos-do-coronav%C3%ADrus-sobre-a-alemanha-100-dias-depois/a-53343907>.

DEVANEY, Susan. 7 Defining Characteristics of Jacinda Ardern’s Leadership Style. **Vogue**. 2020.

DODDS, Klaus et al. The COVID-19 pandemic: territorial, political and governance dimensions of the crisis. 2020.

DOW, Bonnie J.; TONN, Mari Boor. “Feminine style” and political judgment in the rhetoric of Ann Richards. **Quarterly journal of Speech**, v. 79, n. 3, p. 286-302, 1993.

FERGUSON, N. M. et al. Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID-19 mortality and healthcare demand. **Imperial College COVID-19 Response Team**, 16 mar. 2020.

GHOSH, Pallab. O que é 'imunidade de grupo', a polêmica estratégia do Reino Unido para combater o coronavírus. **BBC News Brasil**. 2020. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51901822>.

GULLEY, A. O que a Nova Zelândia fez para “efetivamente eliminar” o coronavírus. **National Geographic**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/05/o-que-a-nova-zelandia-fez-para-efetivamente-eliminar-o-coronavirus>.

GURGEL, B.; VARELA, G. Entenda as principais medidas do governo diante da crise causada pela COVID-19. **CNN Brasil**. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/04/entenda-as-principais-medidas-do-governo-diante-da-crise-causada-pela-covid-19>.

HENLEY, Jon and Eleanor Ainge Roy. “Are Female Leaders More Successful at Managing the Coronavirus Crisis?” **The Guardian**, 2020.

JOHNSON, Carol; WILLIAMS, Blair. Gender and Political Leadership in a Time of COVID. **Politics & Gender**, v. 16, n. 4, p. 943-950, 2020.

JOVER, A. Jacinda Ardern, a mãe trabalhadora, “influencer” e primeira-ministra da Nova Zelândia. **El País**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-09-20/jacinda-ardern-a-mae-trabalhadora-influencer-e-primeira-ministra-da-nova-zelandia.html>.

A Atuação de Jacinda Ardern na gestão contra a Covid-19. **Diplomatique**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-atuacao-de-jacinda-ardern-na-gestao-contra-a-covid-19/>.

LISBOA, Ana Paula. Alemanha tem se mostrado um exemplo no combate ao coronavírus. **Correio Braziliense**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/03/26/interna_mundo,836873/alemanha-tem-se-mostrado-um-exemplo-no-combate-ao-coronavirus.shtml.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, Aug. 2008.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política entre Nações**. 2003.

MOTA, Camila Veras. De “mãezinha” a maior líder da Europa: o legado de Angela Merkel, que deixa o poder na Alemanha após 4 mandatos. **BBC News Brasil**. 2021. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55580610>.

OLIVEIRA, C. Nova Zelândia: como é viver em um país que controlou a pandemia do coronavírus? **Brasil de Fato**. 2021. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/25/nova-zelandia-como-e-viver-em-um-pais-que-controlou-a-pandemia-do-coronavirus>.

PARRY-GILES, Shawn J.; PARRY-GILES, Trevor. Gendered politics and presidential image construction: A reassessment of the “feminine style”. **Communications Monographs**, v. 63, n. 4, p. 337-353, 1996.

PATEMAN, Carole. **O Contrato sexual**. Paz e Terra, 1993.

Boris Johnson admite que pode ter errado nas estratégias adotadas no início da pandemia. **Portal de Notícias G1**. 2020. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/24/boris-johnson-admite-que-pode-ter-errado-nas-estrategias-adotadas-no-inicio-da-pandemia.ghtml>.

Estudo responsabiliza governo Trump por escalada de mortes por Covid nos EUA. **Portal de Notícias G1**. 2021. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/02/11/estudo-responsabiliza-governo-trump-por-escalada-de-mortes-por-covid-nos-eua.ghtml>.

PRESSE, France. “Não vamos controlar a pandemia”, admite chefe de gabinete de Trump. **Portal de Notícias G1**. 2020. Acesso em agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/25/nao-vamos-controlar-a-pandemia-admite-chefe-de-gabinete-de-trump.ghtml>.

PULLEN, Alison; VACHHANI, Sheena J. Feminist ethics and women leaders: From difference to intercorporeality. **Journal of Business Ethics**, p. 1-11, 2020.

RAMÍREZ, N. Jacinda Ardern torna a Nova Zelândia a nova utopia para onde todo mundo quer se mudar. **El País**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/smoda/2020-05-25/jacinda-adern-torna-a-nova-zelandia-a-nova-utopia-para-onde-todo-mundo-quer-se-mudar.html>.

SANT’ANNA, Lourival. Análise: Por que a Alemanha tem poucas mortes por coronavírus? **CNN Brasil Internacional**. 2020. Acesso em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-por-que-a-alemanha-tem-poucas-mortes-por-coronavirus/>.

SHEELER, Kristina Horn; ANDERSON, Karrin Vasby. Gender, rhetoric, and international political systems: Angela Merkel's rhetorical negotiation of proportional representation and party politics. **Communication Quarterly**, v. 62, n. 4, p. 474-495, 2014.

TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

TICKNER, J. Ann. Hans Morgenthau's principles of political realism: A feminist reformulation. **Millennium**, v. 17, n. 3, p. 429-440, 1988.

TIMPERLEY, Claire. Jacinda Ardern: A Transformational Leader? Transformational. New Zealand women political leaders today. **Women Talking Politics**, p. 6, 2018.

TOWNS, Ann E. 'Diplomacy is a feminine art': Feminised figurations of the diplomat. **Review of International Studies**, v. 46, n. 5, p. 573-593, 2020.

TOWNS, Ann. The status of women as a standard of 'civilization'. **European Journal of International Relations**, v. 15, n. 4, p. 681-706, 2009.

WATSON, Virginia Bacay. Five Coronavirus Success Stories: Different, bt the Same. **Security Nexus**; JSTor, 2020.